

Editorial

Gilles Deleuze, em um texto intitulado *os Intercessores*, na obra “Conversações”, oferece-nos algumas pistas para tensionarmos a expressão Pesquisa-Intervenção na direção do que chamamos de Pesquisa-Intercessão. Não se trata da proposição de uma nova nomenclatura que viria substituir a primeira e sim, de um convite a explorarmos um tanto mais, a concepção de uma pesquisa que intercede, que interfere no campo, discutindo o estatuto dessas políticas de intercedência e interferência.

Para Deleuze, o problema está em localizarmo-nos no que se passa *entre*. Com isso, sinaliza que o movimento que lhe interessa pensar não é aquele deflagrado por pontos originários, o que poderia nos levar a uma crença de que cabe ao pesquisador promover transformações junto ao campo de suas pesquisas. Nada mais presunçoso seria, partir de uma posição na qual um eu-pesquisador se afirma encharcado de poder, pretencioso de, pela posse de um saber científico, ser capaz de, ele mesmo, e a partir dele, fazer andar o mundo.

O mundo anda por maquinarias próprias. Move-se com e a despeito do pesquisador. Cabe-lhe, então, em exercício de profundo respeito, instalar-se em suas ondas procurando, insistente e permanentemente, estabelecer com elas uma relação de não dominação. Tentar dominar o movimento seria fatal. Cessaria os processos, interromperia os fluxos da vida que verte em incessante anseio de se afirmar.

Pesquisar-interceder consiste, então, em colocar-se *entre*. Mas não entre dois corpos individuados e sim, entre corpos em individuação, esses em movimento de geração heterogênica. Corpo-pesquisador, corpo-pesquisando, corpo-pesquisador-pesquisando. Implica em forjar um pesquisador-criador em lugar de reflexivo. Essa é a direção. Um pesquisador que cria conceitos, os quais por sua vez, geram pensamento, engendram modos de compreensão outros, resistem à captura.

Assim, pesquisar-interceder consiste em acionar uma máquina afeita à abertura de linhas fugidias, típicas de uma ciência nômade. Embrenhar-se por entre os movimentos do campo em recusa ao acesso das verdades e na busca pelo que as falseia. Antes que almejar pelos excessos de palavras exprimidas por aqueles com quem pesquisamos, ou ainda, pelos excessos de suas próprias palavras enquanto pesquisador, seduzir-se pelos silenciamentos, lugar desde onde se teria, como sugere Deleuze, enfim, algo a dizer.

Pesquisar-interceder, pesquisar-intervir converte-se assim, em exercício de deslocamento de qualquer eventual resquício autoritário que pode acompanhar a expressão *intervenção*, já que as forças repressivas o que costumam fazer é, justamente, fazer falar e viver em determinada direção. Trata-se, em lugar disso, de acessar a um terreno de impossibilidades, lugar esse onde nasce o criador.

A pesquisa-intercessão religa, assim, os pontos entre filosofia, ciência e arte, tal como propõem Gilles Deleuze e Félix Guattari na obra “O que é a filosofia?”. Imiscui criação de conceitos, de funções e de blocos de sensibilidade, sempre em trânsito e em processo de abertura de sentidos. Aí se dá a intervenção. Uma intervenção cujo caráter é muito mais intensivo do que extensivo, relativo à produção de sentidos capazes de transgredir pelos caminhos de uma *ciência da ordem* na direção de uma *ciência menor*.

No Brasil, diversos autores vêm se dedicando ao tema da Pesquisa-Intervenção, dentre eles podemos citar Kátia Aguiar, Marisa Rocha, Eduardo Passos, Regina Benevides Barros, cujos trabalhos são fundamentais no percurso de análise dos referenciais que foram marcando um território da pesquisa-intervenção no âmbito da psicologia brasileira. Seus estudos produziram uma consistente análise a respeito de ferramentas de pesquisa e de intervenção na experiência social, considerando referências disponibilizadas pelo institucionalismo, vinculadas à socioanálise e à esquizoanálise. Este processo de formulação da pesquisa-intervenção afirma o debate sobre as bases teórico-metodológicas da investigação participativa, bem como a análise da interferência coletiva na produção de micropolíticas de transformação social.

Reunimos nesta publicação algumas das variações que a pesquisa-intervenção vem produzindo no contexto brasileiro de produção de conhecimento em Psicologia Social, constituindo um agenciamento de enunciação molecular. Conforme discutem Deleuze e Guattari no volume dois de “Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia”, uma língua menor que vai reunindo vários regimes de signos heterogêneos na escrita para dar passagem aos sentidos entre palavras de ordem. Assim, o diálogo com diferentes experiências de pesquisa-intervenção busca situar um procedimento de variação contínua próprio à singularidade que este modo de pesquisar possibilita, enunciando uma psicologia que se produz na tensão entre contextos, metodologias e demandas de produção de conhecimento.

Entre as variações que produziram as problematizações com a pesquisa-intervenção, os textos aqui apresentados podem ser diferenciados em dois eixos: textos que entrelaçam epistemologias, ética e metodologias; e textos que entrelaçam

estratégias, experiências e intercessores. Todos eles têm sua singularidade, tanto no plano do pensamento, quanto no plano da experiência.

Heliana de Barros Conde Rodrigues problematiza em seu texto - *Caixa de Ferramentas para uma atitude histórico-crítica na pesquisa-intervenção* – a história, na perspectiva genealógica foucaultiana, como suporte para a invenção de si, desnaturalizando práticas, saberes, poderes, lugares que ocupamos. O texto é construído no tom irônico, de uma professora que tensiona a formação na sua face identitária, especialmente no campo psi, em que nosso encargo social *é inseparável das táticas de normalização*. Assim, uma ontologia de nós mesmos é proposta como estratégia de produção de conhecimento e de intervenção, uma caixa de ferramentas que seria uma *estratégia anti-reativa no campo do exercício psi*.

No texto *A Ética da pesquisa e a perspectiva da cartografia: algumas considerações* Sílvia Tedesco confronta a visão clássica de ética, reportada a um código ou conjunto de prescrições, com uma ética sintonizada com as singularidades dos acontecimentos. É na perspectiva do princípio cartográfico e no diálogo com experiências de pesquisa sobre estratégias de atenção à saúde mental, as quais privilegiem a produção de modos múltiplos de existência, que a autora estabelece um plano de análise. A entrevista como espaço de diálogo compõe a proposta metodológica de pesquisa, que se faz na experiência compartilhada e participativa, afirmando a intervenção.

Já no texto *Pesquisa-intervenção e direitos humanos - apontamentos arqueológicos e genealógicos na análise de documentos*, de Flávia Cristina Silveira Lemos, Dolores Galindo e Pedro Paulo Freire Piani, encontramos a discussão de ferramentas de análise de documentos, na pesquisa-intervenção em direitos humanos, apresentando linhas e pistas que formam um dispositivo analítico de práticas a partir dos fazeres do genealogista e do arquivista, articulando a perspectiva diagramática do cartógrafo.

O artigo de Paloma Dias e Margarete Axt, intitulado *Pesquisa, Dialogismo e Produção de Sentidos*, a partir da teoria dialógica bakhtiniana possibilita pensar a relação pesquisador-pesquisado no escopo da investigação que trabalha com a intervenção no campo. Além disso, as autoras dialogam com a filosofia de Henri Bergson, desviando de lógicas deterministas que conduzem à fixação de um único sentido durante o exercício da interpretação na prática da pesquisa.

Fotografia e pesquisa-intervenção: reflexões sobre os modos de ver, falar e viver, de Jaqueline Tittoni, discute a intervenção fotográfica como estratégia para intervir nas visibilidades, provocando processos de institucionalização, entre os quais a pesquisa-intervenção, buscando as resistências que se produzem e que podem ser transformadoras e inventivas de modos de viver. Para evidenciar esta estratégia de intervenção são apresentadas três referências de estudos realizados no Serviço de Assessoria Jurídica de uma universidade, no grupo que trabalha com Direitos Sexuais e de Gênero.

O artigo intitulado *Fotografia e Pesquisa-Intervenção: construção de estratégias para uma produção acadêmica inventiva*, de Vanessa Maurente, discute a potencialidade da pesquisa-intervenção como forma de tensionar modelos científicos baseados mais em resultados em lugar de em processos, apresentando a fotografia como estratégia metodológica para o acionamento de produções inventivas na e pela pesquisa.

Em *Imagens da cidade: o projeto ArteUrbe* Andréa Vieira Zanella, Neiva de Assis e Bruna Berri, colocam em cena a relação de jovens com a cidade, explorando a fotografia como potência para o diálogo com estes e para dar visibilidade à intensidade dos encontros entre jovens e pesquisadores, jovens e a cidade, jovens-cidade-pesquisadores. O campo de pesquisa foi constituído com dois grupos de jovens, vinculados a uma escola pública e a um CRAS, tendo a proposta de oficinas estéticas como plano inicial da experiência.

O artigo *O lado avesso da extensão: universidade e sociedade (quem é o outro da relação?) - por uma pesquisa-intensão*, de Analice de Lima Palombini e Fernanda Fontana Streppel, analisa a articulação entre universidade e sociedade, considerando a experiência do Coletivo de Rádio Potência Mental, como campo de pesquisa, extensão e estágio vinculados ao Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Problematisa a pesquisa-intervenção compondo uma estratégia de encontro com o *fora* da academia que opera como potência da produção de alteridade em si mesma.

Já o texto *Pesquisa-intervenção em dispositivos participativos: ensejando outras relações entre produção de conhecimento e educação*, de autoria de Maria Elizabeth Barros de Barros e Janaína Mariano César, considerando que o trabalho com a pesquisa-intervenção envolve a constituição de uma atenção aberta ao presente e um acompanhamento de experiências em curso, apresenta experiências de um grupo de pesquisa, que ensaia o desenho de outros mapas da problemática da educação pública, afirmando que a mudança se quer coletiva.

A *Pesquisa-Intervenção e Formação Inventiva de Professores*, de Rosimeri Dias, tensiona encontros da universidade com a escola básica, propondo estratégias cartográficas em experiências de formação inventiva de professores. Habitar territórios de formação e forjar coletivos, nas brechas dos processos de trabalho na escola, eis o que move os modos de intervir e pesquisar na experiência problematizada no presente artigo.

No artigo *Dispositivos Grupais e Tecnológicos na Pesquisa-Intervenção*, Rafael Dihel, ao retomar a discussão do conceito de dispositivo desenvolvida por Agamben, entende como fecunda a perspectiva dos sujeitos constituídos no entremeio de corpos vivos e artefatos técnicos, propondo o uso de técnicas grupais e de elementos técnicos como potenciais nos desenhos de uma pesquisa. Aborda duas dimensões e dois eixos de análise na experiência com grupos: *a dos corpos humanos na relação que cada sujeito estabelece consigo mesmo e outra nas relações que tais sujeitos estabelecem com os objetos, entre os quais os artefatos tecnológicos.*

Por fim, nós, as organizadoras deste Número Especial, Fernanda Spanier Amador, Gislei Romanzini Lazzarotto e Nair Iracema Silveira dos Santos, contribuimos com um artigo no qual mapeamos as derivações da pesquisa-intervenção considerando as produções que abordam sua gênese teórica e social na França e suas atualizações no Brasil. Nosso objetivo é discutir as estratégias de produção de conhecimento forjadas no bojo das discussões relativas aos modos de fazer ciência no campo social, identificando três séries/modulações analíticas: pesquisar-agir, pesquisar-intervir e pesquisar-interferir.

O conjunto dos textos pode dar visibilidade para algumas variações e problematizações da pesquisa-intervenção no contexto das produções atuais na Psicologia Social brasileira. Agradecemos a colaboração dos colegas que aceitaram o convite para esta composição.

Boa leitura!

Fernanda Spanier Amador
Gislei Domingas Romanzini Lazzarotto
Nair Iracema Silveira dos Santos